

A Religião da Deusa: espiritualidade e saberes da tradição das famílias neopagãs na *Terra Brasilis*

Maria Roseli Sousa Santos^{1*}

Resumo

O estudo propõe conhecer saberes da tradição, linguagens e sistema religioso da Wicca diante das vivências de oito famílias neopagãs brasileiras: Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém e São Paulo. A identificação e escolha das cidades deu-se pelos encontros nacionais e o critério de seleção consistiu em: famílias cujo núcleo familiar há filhos; praticantes há mais de cinco anos em sistemas de Círculos, Covens, Grove ou Tradições. Abordagem em estudos culturais e linguagem da religião; metodologia mista em métodos e técnicas etnográficas. A 1ª etapa nos eixos: 1) criação familiar e tradição religiosa; 2) compreensão familiar sobre a Wicca e suas vertentes/paganismo; 3) saberes e processos formativos de natureza religiosa e principais ritos. Os resultados iniciais indicam famílias com menor tempo de prática de 12 anos e a maior com 18. Rituais familiares envolvem crianças e adolescentes e que o desconhecimento pela sociedade dessa religião gera conflitos e intolerância.

Palavras-chave: 1. Wicca; 2. Saberes, 3. Família

Abstract

The Religion of the Goddess: spirituality and knowledge of the tradition of neo-pagan families in Terra Brasilis

The study proposes meet the traditional knowledge, languages and religious system of Wicca on the experiences of eight Brazilian neopagan families: Brasilia, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belem and Sao Paulo. The identification and selection of cities was given by national meetings and the selection criteria consisted of: families whose household there are children; practitioners for more than five in circles systems, covens, Grove or Traditions. Approach in cultural studies and language of religion; mixed methodology in methods and ethnographic techniques. The 1st step in the axes: 1) family upbringing and religious traditions; 2) family understanding of Wicca and its variations / paganism; 3) knowledge and training processes of a religious nature and main rites. Initial results indicate families with less practice time than 12 years and most with 18. Processes family rituals involving children

* Doutora em Educação pela UFPA. Professora Adjunta I, atuando na Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará. Líder do Grupo de Pesquisa Arte, Religião e Memória –ARTEMI. Email de contato: mroselisousa@uepa.br

and adolescents and that ignorance by society that religion generates conflicts and intolerance.

Keywords: 1. Wicca; 2. Knowledge; 3. Family

Introdução

A variedade de religiões presente no cenário contemporâneo brasileiro tem mostrado o quão nosso território é plural e multicultural e, ao mesmo tempo, revela a existência de movimentos religiosos que não tinham visibilidade e que caracterizam-se por uma diversidade de vertentes. As pesquisas de Magnani (2000), Castañeda (1988), Oro (1996), Guerriero (2006) indicam que o surgimento desses movimentos se dá ao longo do século XX.

Nas últimas décadas a visibilidade desses movimentos, indicado por alguns autores com a terminologia *Novos Movimentos Religiosos* –NMR’s ou religiões Alternativas, começa a ter expressão diante dos estudos acadêmicos na área das Ciências da Religião e colocam em discussão questões como: “retorno do sagrado”, “reencantamento” ou, em contraponto a secularização, a “dessecularização”. Esses novos movimentos evidenciam que “a religião não é mais prerrogativa exclusiva das Igrejas (no seu sentido clássico) e que a dinâmica dessas novas religiões não pode ser separada das mudanças que ocorrem no meio social” (GUERRIERO, 2006, p. 41).

Alguns dos segmentos religiosos, como afirma Guerriero (2006), surgem de religiões que possuem influência do oriente ou das grandes religiões cristãs; outras religiões mantêm bases no cristianismo absorvendo referências ocultistas ou

esotéricas e da Nova Era¹, como é o caso do Santo-Daime, da União do Vegetal, a Barquinha. E ainda nesse conjunto, destacamos as religiões neopagãs como o Xamanismo, a Wicca, Druidismo e Asatrú.

As diferentes vertentes religiosas neopagãs mostram-se inspiradas em antigas práticas de povos como celtas, nórdicos, egípcio, gregos, romanos, sírios, dentre outros. O culto ao divino se expressa no casal sagrado, Deusa e Deus. Algumas tradições com destaque para a Deusa, com fundamento no sagrado imanente e centrada em celebrações dos ciclos lunares (*esbats*) e solares (*sabbats*) como destacam Ceridwen (2003) e Prieto (2015). Cabe destacar que a natureza da imanência do sagrado feminino na Wicca remete ao que nos diz Deleuze (2002) quando afirma que “a imanência absoluta existe em si-mesma: ela não existe em algo, ela não é imanência a algo, ela não depende de um objeto e não pertence a um sujeito”. Argumentando-se em Spinoza, Deleuze indica ainda que “a imanência não é imanência à substância, mas a substância e os modos existem na imanência”. Ele enfatiza que a imanência não se reporta a um *Algo* como unidade superior a todas as coisas, nem a um *Sujeito* como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a nenhuma outra coisa que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de o conter. Partindo desses pressupostos, a Deusa wiccaniana está em tudo, ela é mencionada como o sagrado absoluto criador de si mesma (mito primordial) e de tudo que existe, inclusive seu consorte e filho e se expressa nos ciclos de vida, morte e renascimento.

A Wicca, como os praticantes e pesquisadores afirmam em sua maioria, é a bruxaria moderna, uma religião neopagã centrada nos ciclos sazonais, iniciática, sacerdotal e com grande ênfase para a figura da Grande Mãe, a Deusa, personificada

¹A Nova Era, originariamente, delineia-se na década de 1960, com raízes vinculadas às teses preconizadas pela teosofia, desenvolvida por Helena Blavatsky no século XIX. Relaciona-se com a liberdade e o pacifismo do movimento hippie e a contracultura. AMARAL, L. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

na Lua (LASCARIZ, 2010). Assim como a Wicca, as pesquisas evidenciam que o Druidismo e Reconstrucionismo Celta realizam suas celebrações sazonais centradas nos ciclos da natureza, plantios e colheitas. Estão centrados no retorno à espiritualidade céltica e fazem todo um estudo histórico e até mesmo vão às fontes de natureza arqueológicas a recriar sua espiritualidade (OLIVIERI, 2008).

A discussão apresentada é sistematização parcial de pesquisa que tem como foco uma das vertentes religiosas do neopaganismo que a literatura científica das religiões contemporâneas evidencia em crescimento nesse cenário, a Wicca, ou melhor, a *Religião da Deusa* cujo princípio indica o culto a Deusa Mãe e ao Deus Cornudo com referência e retorno aos cultos pré-cristãos. Uma religião que expressa a divindade como representação das forças da natureza cujas raízes remetem a prática europeia de bruxaria arcaica e neopagã compreendida, como nos remete Lascariz (2010), quando afirma que o melhor modo de anunciar a wicca seria um sistema mágico-religioso onde a natureza manifesta-se em metamorfose e, ainda de seus Luminares, que para ele é matriz do próprio processo de metamorfose cognitiva da Alma.

Os estudos e a literatura dos praticantes e científica disponível sobre a Religião da Deusa evidenciam que são inúmeras as vertentes desse segmento religioso. Já na década de 20, a linguista Margaret Murray, em seu livro *O culto das bruxas na Europa Ocidental* anunciava que as bruxas de aldeias eram remanescentes do culto à Deusa difundido muito antes do cristianismo. É importante evidenciar que o uso do termo Wicca aplicado à Religião da Deusa, ou como queria Gerald Gardner, *A Velha Religião* ou *A Arte*, remete a este que, em 1952, em sua publicação *Witchcraft Today*, quando se deu a revogação da lei que considerava a bruxaria crime na Inglaterra. Ao ser difundido, a Wicca Gardneriana foi recebendo adaptações e outras tradições foram sendo conhecidas. Hoje existem inúmeras tradições com variadas vertentes em relação a que Gardner iniciou.

Um dos aspectos a destacar é que pós-Gardner, as transformações ocorridas na década de 70 e 80 com a contribuição do movimento feminista nos Estados

Unidos, com Zsuzsanna Budapest e Starhawk que se juntaram a pesquisadoras da época, trouxe à tona a luta pelos direitos das mulheres desenvolvendo a *Thealogia* que instituiu uma base teórica e filosófica a Wicca, compreendida para além de um sistema mágico como disposto por Gardner que as literaturas mencionam estarem alinhados com elementos de magia ritual, ritos adaptados da maçonaria e cabala, dentre outros aspectos. O Movimento feminista, ao lado de pesquisadoras como Marija Guimbutas (1921-1994), contribuiu para a religião em questões relativas ao sagrado feminino, feminismo e ao patriarcado, centrado numa cosmovisão e experiência religiosa que se distingue das igrejas tradicionais e religião judaico-cristã. Essas questões são evidenciadas em literaturas e textos científicos de cunho históricos e sócio antropológico como Hutton (1999), Russel & Alexander (2006), Pucet (2009), Rai, Parpat & Staudt (2002) e em pesquisas bem recentes no cenário do neopaganismo contemporâneo brasileiro apresentada por Bezerra (2005, 2010 e 2013), Osório (2004), Terzetti Filho (2015), Cordovil (2015), Soares (2007), Cordovil & Castro (2015), entre outros, de praticantes como Prieto.

Ao emprendermos o estudo sobre os saberes e ritualidades das famílias neopagãs fazemos no campo das Ciências da Religião e, remetemo-nos a este segmento religioso anunciado por alguns autores nativos como bruxaria moderna, com bases teóricas e filosóficas compreendidas como uma religião cujo sistema mágico-religioso é iniciático e sacerdotal e cujas bases aportam-se em saberes tradicionais que são transmitidos em grupos familiares específicos. Nossas inserções em campo recaem sobre algumas questões como: do que tratam esses saberes? Como esses conhecimentos são apropriados, vivenciados e transmitidos em família? Reflexões que nos pedem uma inserção na realidade estudada tendo como premissa que a produção de saberes está engendrada na dinâmica do real, nas instâncias de circularidade dos processos educativos que, segundo Freire (1983, p. 67), propõem a coletividade “a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre sua responsabilidade, sobre seu papel no clima da sociedade em transição”.

Ousamos posicionar a religião, ela mesma, numa forma de linguagem que teve seu berço na tradição interpretativa, a hermenêutica, como tradição antiga da qual os estudos teológicos se alicerçaram para elucidação de suas escrituras seja pela tessitura revelativa, poética, estética, extática (RICOEUR, 1998). Ao partir dessa compreensão, o diálogo que as ciências da religião têm estabelecido com áreas como a linguística, estudos literários e discursivos, filosofia da linguagem e da cultura, torna-se preeminente para nossos estudos e evidencia em caminho contrário a visão linear clássica. A possibilidade gerada desse encontro de áreas permite níveis diferenciados de leituras, caminhos interpretativos, deslocamentos e movimentações da linguagem e códigos; de valores e do campo da ética. Essa abertura nos permite trazer discussões de temas como o que propomos e que tem sido pouco abordado no âmbito acadêmico.

De forma propícia, o objeto de investigação neste estudo se coaduna ao campo dos Estudos Culturais, posto que sua teoria e método acolhe a religião e, ao mesmo tempo, coloca-se diante à contestação dos limites socialmente construídos. Baptista (2009, p. 452) indica que os “Estudos Culturais têm funcionado como agente e sintoma na reconfiguração da estrutura disciplinar quer das Humanidades, quer das Ciências Sociais, num processo que ainda hoje está em curso e se encontra longe de estar terminado”. A pesquisadora aponta como características principais dos estudos culturais a complexidade do fenômeno cultural e a condição política do ato investigativo, de democracia cultural. O primeiro, com ênfase na produção contextual, multidimensional e contingente do conhecimento cultural onde os resultados da investigação refletem a complexidade e o caráter dinâmico e paradoxal do objeto em estudo. A segunda característica evidencia o posicionamento investigativo como postura política (diante da *pólis*) diante de uma realidade, de um mundo cuja intervenção, rigorosa e com eficácia, elucide um construto socialmente relevante.

Os delineamentos apresentados acerca do estudo indicam que espiritualidade e saberes da tradição das famílias neopagãs no *Brasilis*² terá como destaque as nuances das práticas formativas dessas famílias concernentes às questões da tradição religiosa familiar e os repasses desses saberes. E, por conseguinte, como essas famílias lidam com os valores advindos da dinâmica escolar de seus filhos em relação à religião.

1. A espiritualidade e práticas formativas wiccanianas de famílias brasileiras

Se considerarmos que o culto à Deusa e seu Consorte no Brasil se disseminou na transição do final do século XX para o XXI, podemos crer que há mais de uma década e meia existem famílias constituídas que vivem seus sistemas próprios de repasse de saberes e ritualidades³. Saberes, neste estudo, compreendido como um construto cultural concebido e produzido por gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, representações e valores marcados pela história oral e/ou de vida (SANTOS, 2010).

As pesquisas científicas sobre a wicca mencionam um universo de celebrações religiosas centradas no divino feminino imanente e seu consorte e vivenciadas ao longo de um ciclo sazonal e lunar. Bezerra, em suas publicações *Esboço geral da magia na wicca segundo a perspectiva de Marcel Mauss* (2010) e *Porque ingressar na wicca? E a permanência é plausível?* (2013) nos traz contribuições significativas em seu percurso acadêmico sobre o pensar a magia, rito e religião, assim como a compreensão de que a Wicca vê a divindade como imanente,

² É a expressão utilizada em mapas dos séculos XVI e XVII, como o mapa feito por Pedro Reinel e Lopo Homem em 1519. Cf. BORGES, Thiago. Entre a arte e a ciência: as visões sobre a cartografia medieval. *Faces da História*. Assis, v. 2, n.º. 2, p. 100-115, jun.-dez., 2015.

³ Expressão da sociologia cultural, aplicada ao estudo na dimensão do cotidiano em sua regularidade, normatividade e repetitividade e o ritual consiste em um meio prático de garantir a preservação da tradição, preche de reflexividade (GIDDENS, BECK e LASH, 1995. p. 207).

sendo todas as coisas sagradas e a vida é uma grande dádiva da Deusa. Menciona a crença na vida após a morte como resultado da visão cíclica; que “Os olhares dos integrantes são voltados para a vida na terra, e seu percurso: passado, presente e futuro”. A maioria das pesquisas trazem discussões apresentadas em linhas gerais, inclusive acerca dos ritos e os estudos estão centrados em pesquisa com grupo de praticantes que realizam ritos coletivos públicos e/ou individualmente.

A intencionalidade deste estudo propõe avançar sobre os aspectos dos rituais inscritos na vida diária dos neopagãos que praticam a religião em seu núcleo familiar onde acreditamos ocorrer o repasse de saberes da tradição religiosa (práticas formativas) neopagã, sua linguagem religiosa – ritos de passagens e suas simbologias; mitos e cosmologias inerente a esse sistema mágico-religioso. Os estudos de campo sobre esses aspectos serão vivenciados na segunda fase desta pesquisa, articuladas à literatura pertinente.

Neste momento estamos diante de oito famílias envolvidas que estão distribuídas pelo território brasileiro nas capitais: Brasília-DF, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-MG, Belém-PA e São Paulo-SP. Os critérios de seleção consistiram em: famílias cujo núcleo familiar se apresentam com filhos; com praticantes há mais de cinco anos e que vivem em sistemas de Círculos, Covens, Grove e/ou Tradições.

A pesquisa privilegia a dimensão qualitativa e participante com metodologia mista na qual aplicamos técnicas etnográficas de abordagem, entrevistas, coleta de história de vida e inserção direta nos rituais realizados nos encontros nacionais onde ocorrem as jornadas espirituais com vivências com as famílias que participam da pesquisa. A intencionalidade de estudo neste campo religioso, resguardando o que for indicado como não publicável, trazer a compreensão adensadas das ritualidades da wicca na dinâmica das famílias. Não obstante, uma apreensão que só será possível na aproximação direta e que vem se construindo ao longo de mais de três anos. Acreditamos que neste lugar social existem saberes que necessitam ser vivenciados, dividir, partilhar para que se tenha a apropriação dos sentidos, pois “[...] O cotidiano

é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível” (CERTEAU, 1996, p. 31).

A primeira etapa de investigação consistiu em identificação e caracterização dessas famílias com foco para questões da formação da cultura religiosa e sociabilidade, destacado o aspecto socioeducativo - educação formal e educação religiosa no interior das dinâmicas familiar, das práticas culturais engendradas.

Vamos em direção à compreensão as “artes de fazer” dos praticantes, na busca de elucidar suas regras próprias e de seu desenvolvimento. Portanto, considera a cultura como toda atividade humana, mas ela não o é necessariamente ou não é forçosamente reconhecida como tal, pois “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1994, p. 142).

A construção inicial privilegiou, na primeira fase, dados referentes a: 1) a criação familiar e tradição religiosa; 2) compreensão de sua família sobre o paganismo/vertente da Wicca; 3) educação escolar e relação aos valores pagãos na escola. Centrou-se, também, às vivências formativa-religiosas das famílias na perspectiva de desenvolver e ampliar pesquisas acerca do tema nas ciências da religião e dispor os resultados à comunidade acadêmica e em geral. A identificação e escolha das cidades onde residem as famílias se deu mediante a possibilidade de acesso as famílias no encontro de Bruxos Brasileiros em Brasília que existe desde 2000. Este evento possibilitou o contato com as famílias envolvidas no estudo.

As experiências formativas e saberes que são partilhados no campo religioso representam fontes importantes na construção de discursos; alojam temas e teorias e nos apropriaremos delas a partir da leitura interpretativa de Paul Ricoeur (2000) e Certeau (1982, 1994), Deleuze (2002) e Freire (1994) pela adequação teórica para a investigação de culturas e saberes da religiosidade; pela pertinência a dialogicidade com diversos campos do saber como o despertar de si, o outro, a vontade, a ética, a política, a história, a religião, os símbolos; pela escuta e processos interpretativos do lugar social dos praticantes.

2. Saberes e ritualidades: primeiros registros

Os primeiros registros versam o conteúdo das produções de dados com as famílias geradas nos encontros de Bruxos Brasileiros em Brasília (2014-2015) que ocorrem desde 2000 e o Encontro Anual de Bruxos em São Paulo (2014) cuja natureza consiste em atividades com palestras, vivências e jornadas mágico-religiosas a partir de uma Deusa principal celebrada no evento anual, suas faces e mitologia; além de dados obtidos pela *world wide web* com resposta a formulários e conversa em *chats*.

Os construtos iniciais apresentam-se como um mapeamento que alcançará profundidade a partir da segunda etapa com o acompanhamento de cada família em sua ritualidade. Os dados iniciais emergem do encontro com as famílias abordadas já mencionando que o menor tempo de vida religiosa no grupo é de 12 anos e o maior tempo consiste em 18 anos. Os encontros tematizaram questões relacionadas a criação familiar e tradição religiosa; a visão das gerações anteriores da família sobre a religião e os aspectos formativos que envolvem as relações entre a educação familiar pagã e a vida escolar das crianças e jovens.

Os resultados apresentados são parciais e em andamento por ser a etapa de caracterização da realidade estudada; a instituição do lugar social da pesquisa que, para Certeau (1982), em sua reflexão teórica sobre a operação historiográfica, é um gesto típico de historiador para estabelecer uma análise localizável. É o lugar social a partir do qual o pesquisador de história atua e escreve, como também por meio de uma descrição das práticas, das técnicas, dos métodos e dos procedimentos utilizados no trabalho histórico. Não é exclusivamente um ambiente físico – uma instituição acadêmica isolada, por exemplo. Mas uma comunidade, um coletivo – uma “área” que muitas vezes está submetida a opressões e ligada a privilégios, formando uma particularidade.

Das construções iniciais, os aspectos que tratam a criação familiar e tradição religiosa são indicadoras de que as famílias envolvidas, em sua maioria, afirmam que suas referências religiosas advém de uma tradição cristã com predominância para o catolicismo e umbanda. As questões referentes aos rituais vividos indicam que na infância cumpriram o calendário litúrgico-cristão e a maioria viveu os ritos de batismo, primeira comunhão, crisma, casamento e vivências como missas, Círio, natal e semana santa.

Outro aspecto relevante é mencionado quando anunciam que na adolescência e juventude com forte engajamento sócio-político, orientado pela Teologia da Libertação. Há manifesta vivência como cristã evangélica por uma das famílias, indicando que esses processos foram vividos até a adolescência. Há na relação entre os membros da família aceitação das opções da vida religiosa e essas práticas demonstram ser compreendidas como parte do mundo da cultura sem segmentação dos aspectos culturais, artísticos e econômicos.

Em sua maioria formadas em seio cristãos e as gerações antes da sua (pais e avós) sobreadvém de judeus, católicos, candomblecistas e ateus. E nos últimos dez anos começam a viver um ciclo de ritos relacionados com as fases de crescimento dos filhos.

As gerações mais próximas desses núcleos como os pais e mães, mesmo que timidamente, anunciam abertura às orientações religiosas de natureza afro-brasileiras e não demonstram problemas com as opções pelo paganismo/wicca:

Minha avó paterna era pagã (candomblecista) e meus avós maternos eram judia e católico. Apesar dessa diversidade, meus pais não praticavam nenhuma religião apesar de se dizerem católicos. Em função desse fato, me sentia muito atraída pelas práticas pagãs da minha avó paterna (Campo Grande, RJ)

As narrativas evidenciam que a maioria não teve problemas pela opção pela wicca, mesmo estando em uma família cujo legado religioso se sustenta no cristianismo, excetuando-se famílias que possuem evangélicos.

Os aspectos relacionados a vida pagã e as relações com a educação formal e os valores pagãos na escola devem considerar que as famílias apresentam de um, dois a três filhos em idade entre 1 a 21 anos, estudantes em escolas públicas e privadas. No total são 11 filhos e filhas, distribuídos em quatro crianças de 1 a 7 anos; seis adolescentes entre 10 a 18 anos e uma adulta frequentando a faculdade de Física. A maioria das mães manifesta que em sua educação, desde a infância a vida adulta, nunca ouviu falar de valores pagãos na escola e quando remetiam ao assunto eram aqueles relacionados à representação de ser algo ruim e ridicularizado ou mesmo a representação mais comum: a de que pagãos eram aqueles não batizados.

Há destaque em relação às aulas de ensino religioso indicando que nas escolas não há disciplina específica, porém as rotinas pedagógicas estão permeadas de práticas cristãs sem significação à vida da turma onde alguns professores são lembrados por rezarem o “pai nosso” e, ainda, alguns conflitos entre pais e professores pelo ensino de músicas evangélicas na sala de aula.

Quanto a escolha da escola e a preocupação com a natureza religiosa do projeto pedagógico, as famílias demonstram escolher as escolas onde seus filhos vão estudar com base na proximidade geográfica em relação a sua moradia, mas principalmente com preocupação em relação aos aspectos pedagógicos. Indicam que nas escolas públicas (municipal e estadual) não há orientação que respeite a diversidade religiosa e nem de outras naturezas como a étnica. É unânime nos relatos que nenhuma das escolas há ensino religioso como disciplina e os dados produzidos indicam que em nenhum momento foi indicado pelas famílias situações em que algum espaço educativo de ensino regular houvesse discutido os valores pagãos como religião. Porém, uma família manifestou dispor informações acerca de sua religião pagã conversando com a coordenação pedagógica e professores e dispondo de texto sobre como lidar com alunos pagãos em sala de aula. Neste primeiro momento não houve retorno com relação a receptividade das informações dispostas. Uma jovem universitária manifestou que na academia não há preocupação com essa discussão.

Há uma espécie de sensibilização realizada pelos pais e mães quando seus filhos vão para esses espaços. Demonstram que procuram fazê-los entender que a escola é um lugar de liberdade e que ele estará entre pessoas de diferentes religiões:

Ele precisa receber com respeito as outras formas de viver a espiritualidade. Meu filho trouxe um assunto discutido no corredor da escola. Eu aproveitei quando ele tocou no assunto, fiz perguntas, procurei refletir mais profundamente, perguntando como ele se sentiu nas conversas em que se envolveu o que falou, e o que ele pensa sobre o assunto (Belém, PA)

Da mesma forma que as famílias demonstram aproximar os saberes e conhecimentos acerca da vida religiosa tratados na escola aos vividos em família, também demonstram adaptar os ritos ao calendário escolar, tentando expor as diferenças e igualdades; explicam a necessidade de respeitar as escolhas dos outros, assim como de exigir respeito a nossa religião pagã. Afirmam evitar escolas confessionais ou que tratam a religião com imposição que podem influenciar contra a liberdade de escolha das pessoas.

Quanto aos ritos de passagens vividos pelas filhas e filhos em relação a vida dele na escola, afirmam que a escola está muito ausente no que diz respeito aos ritos religiosos vividos pelos estudantes. Não há nenhum interesse em abordar estes assuntos sobre nenhuma religião. Tomam para si esta tarefa relacionando os ritos cíclicos wiccanianos, fazendo relações de analogias:

[...] mostro que na escola também se faz ritos de passagem, quando finalizamos e iniciamos novos ciclos escolares (Belém, PA)

A educação religiosa de minha filha é desenvolvida em casa, mas com extrema liberdade. Minha filha escolheu ser apresentada aos Deuses, mas não segue a religião ainda (Brasília, DF)

Já celebramos ritos próprios da fase deles e sempre eles fazem questão de lembrar (Belo Horizonte, MG)

Os estudos iniciais mostram que, assim como o aspecto da vida religiosa é ignorada, há forte postura de superficialidade quando se trata de "costumes" e com

uma visão reduzida da diversidade. Segundo as famílias, apresentam-se somente as religiões que tem maior número de seguidores, como cristianismo, islamismo, judaísmo e destacam-se as religiões de matriz africana como exóticas ou demoníacas.

Considerações finais

A Wicca começa a ter visibilidade como objeto de investigação no campo das Ciências da Religião nas últimas décadas e essa visibilidade toma densidade aos poucos já que sua história é recente. Este estudo tende a contribuir às investigações com delimitação centrada nas dinâmicas próprias de núcleos familiares.

A identificação e caracterização gerada nas primeiras inserções a campo indicam, a priori, uma dinâmica complexa da cultura religiosa vivida pelas famílias, compreendendo as diversas vertentes desse segmento religioso. Os fios unificadores materializados nos princípios que regem a religião vão sendo desvelados a cada compartilhamento de saberes e ritos e se relacionam aos ciclos da natureza e as faces da divindade cultuada.

A configuração do perfil dessas famílias e as dinâmicas de sua vida religiosa, mesmo a partir dos dados parciais, demonstram que seu sistema mágico-religioso ainda é uma incógnita e que a compreensão dos saberes pertinentes aos ciclos litúrgicos próprios da religião e as formas de linguagens estão relacionadas aos ritos de passagem intrínsecos a dinâmica do ciclo traduzida em vida, morte e renascimento. Porém, as temáticas iniciais tratadas neste estudo relacionadas à criação familiar e tradição religiosa indicam que são famílias que tiveram uma referência inicial cristã com predominância para o catolicismo e umbanda e que viveram, quando crianças, ritos desses segmentos como o batismo e primeira comunhão, não necessariamente por opção religiosa, mas por tradição familiar.

As análises iniciais indicam que as gerações anteriores nunca falaram sobre paganismo e alguns nem sabiam da existência da religião wicca e ainda manifestam que qualquer orientação religiosa diferente da cristã, a princípio, era rejeitada e, em alguns casos, relacionada com superstições e crenças negativas e, na maioria das vezes, pelos avôs e avós.

O trato com relação a natureza da vida religiosa e as relações nas instâncias sociais parecem silenciar sobre esses aspectos. Os relatos mostram que as escolas tem, nos últimos anos, vivenciado mudanças substanciais, porém os temas emergentes tem centrado em meio ambiente e violência (silenciada a intolerância religiosa). Para elas o ensino religioso não está presente entre as disciplinas da escola e os demais conteúdos e, quando chegam, estão carregados da ideologia e dogmas cristãos. Algumas famílias chegam a afirmar que na escola, questões de espiritualidade não são tratadas como importantes e parece ser um assunto que não atrai o interesse dos alunos, embora elas veem que provocam alguns diálogos ou pequenas provocações em rodas de estudantes, pelos corredores.

Os valores e formação pagã das famílias e as relações com os valores e atitudes vividos nos espaços educativos são mencionados com preocupação por parte das famílias. Há uma espécie de sensibilização realizada pelos pais e mães quando seus filhos vão para esses espaços diante das intolerâncias religiosas que demonstram enfrentar.

Os resultados, mesmo que parciais, são indicações que reforçam a pertinência da temática a considerar, além da expansão desse segmento; a contribuição acadêmica dispendo de conhecimento a respeito do sistema mágico-religioso na Wicca que envolvem as práticas sazonais e lunares, cultos ao divino feminino e seu consorte, os ritos e as relações com a vida cotidiana próprios dos grupos familiares em questão.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets*, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, n° spécial, automne / hiver 2009, p. 451-461.

BEZERRA, Karina. **Esboço geral da magia na Wicca**: segundo a perspectiva de Marcel Mauss. In: IV Coloquio de História: abordagens interdisciplinares sobre a História da sexualidade, 2010, Recife. Abordagens interdisciplinares sobre a História da sexualidade. Recife, 2010.

_____. Porque ingressar na Wicca? e a permanência é plausível?

Diversidade Religiosa, v. 1, p. 1, 2013.

CERIDWEN, Mavesper Cy. **Wicca Brasil**: Guia de Rituais das Deusas Brasileiras. São Paulo: Gaia, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano I**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(2): 352, maio-agosto/2015.

DELEUZE, Gilles . A Imanência: uma vida. Tradução de Tomaz Tadeu, do original em francês. Revista **Educação & Realidade**. 21(10-18) Julh-dez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1995.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HUTTON, Ronald. **The Triumph of The Moon**: A History of Modern Pagan Witchcraft. New York: Oxford Press, 1999.

LASCARIZ, Gilberto de. **Ritos e Mistérios Secretos do Wicca**. Um estudo esotérico do Wicca tradicional. São Paulo: Madras, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

OLIVIERI, Filippo. **O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I a.C.**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.

_____. **Os druidas**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ORO, Pedro. Considerações sobre a Modernidade Religiosa. **Sociedad y Religión**, n. 14/15, 1996. 12/03.

OSÓRIO, A. Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de wicca. **Campos - Revista de Antropologia Social**, 5, (2), 2000, 157-172.

PRIETO, Claudiney. **Wicca para todos**. 2009. Edição do autor.

RAI, S.M; PARPAT, J.L. & STAUDT, K. (Eds.) **Rethinking empowerment: Gender and development in global/local world**. Londres: Routledge, 2002.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **O conflito das interpretações**. Porto: Rés-Editora, 1998.

SANTOS, Maria Roseli S. **Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade**. Por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa. Disponível em:
http://www.roselisousa.com.br/private/sabores_culturais_memorias.pdf. Acessado em 21/10/2014.

SOARES, Danieli Siqueira. **Rituais contemporâneos e neopaganismo brasileiro: o caso da wicca**. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **Um bruxo e seu tempo**. A obra de Gerald Gardner como expressões contraculturais. Dissertação apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da religião. São Paulo, 2012.